

Cabo dos Trabalhos

Nº 10
2014

Coordenação Editorial:
Comissão Organizadora do IV Colóquio de
Doutorandos/as do CES



COIMBRA 

DIALOGAR COM OS
TEMPOS E OS LUGARES DO(S)
MUNDO(S)

IV COLÓQUIO
INTERNACIONAL DE
DOUTORANDOS/AS DO CES

06 E 07 DE DEZEMBRO DE 2013
FEUC – COIMBRA | PORTUGAL



Centro de Estudos Sociais
Laboratório Associado
Universidade de Coimbra

Centro de Estudos Sociais



Faculdade de Economia



Universidade de Coimbra

A construção do Conhecimento internacional sobre a Arquitetura Portuguesa, anos 80 do séc. XX¹

Cristina Emília Silva e Gonçalo Furtado

Resumo

O presente artigo pretendeu contribuir para o colóquio “Coimbra C: Dialogar com os Tempos e os Lugares do(s) Mundo(s)”, desde a perspetiva da arquitetura e da história, enquanto áreas que por excelência lidam com o Espaço e o Tempo. Refletimos acerca da produção tout court do conhecimento internacional da arquitetura Portuguesa na década de 80 do século XX. Analisaremos como se concretizou a divulgação internacional de duas vertentes da arquitetura Portuguesa: ‘terceira via’/‘regionalismo crítico’ e ‘estilista pós-moderna’ (esta divulgada nos anos 80), comparando os locais e meios de divulgação de ambas as vertentes. Argumentamos que nem o Espaço onde a arquitetura é produzida, (Portugal), nem onde é divulgada, (Espaço internacional), é determinante para a produção do conhecimento internacional da arquitetura Portuguesa, e ambas as vertentes manipulam em certo sentido o Tempo. Para melhor percebermos o contexto em que foi feita esta divulgação fazemos um breve apontamento do contexto sócio-profissional dos arquitectos.

Palavras-chave: arquitetura Portuguesa, divulgação internacional, regionalismo crítico, pós-moderno

Abstract

This paper aims to contribute to the symposium “Coimbra C: Dialogar com os Tempos e os Lugares do(s) Mundo(s)”, from the perspective of architecture and history, as areas that deal with Space and Time. We think upon the production tout court of international knowledge of Portuguese architecture in the 80s of XX century. We analyze how the international dissemination occurred of the two movements of Portuguese architecture 'third way' / 'critical regionalism' and 'postmodern stylist' (the second began in the 80s), comparing their locations and means of dissemination. We argue that neither the space where architecture is produced, (Portugal), nor where it is disclosed, (abroad), is crucial for the production of international knowledge of Portuguese architecture, and both movements manipulate in a way Time. For a better understanding of the context of this disclosure, we make a brief note of the socio-professional context of the architects.

Key words: Portuguese architecture, international dissemination, critical regionalism, post-modern

¹ Este artigo inclui investigação realizada no PDA da FAUP apoiada pela FCT (bolsa SFRH / BD / 69058 / 2010).

Antes dos anos 80

O estudo foi feito através da análise de eventos (publicações, exposições, conferências, atribuição de prémios) ocorridos além fronteiras nacionais. Este universo documental foi obtido segundo uma metodologia de recolha mediante acesso a bibliografias dos principais protagonistas e de alguns centros bibliográficos de relevo, a qual procurou ser ampla e rigorosa. Centramo-nos portanto no espaço além fronteiras de atuação de vários protagonistas, nacionais e estrangeiros, que contribuíram para uma reflexão sobre a disciplina.

Como dizíamos acima, este artigo foca-se nos anos 80 do século XX, no entanto a investigação que vimos desenvolvendo sobre o conhecimento internacional da arquitetura Portuguesa abarca um intervalo maior de tempo, da qual entendemos ser oportuno sintetizar alguns aspetos.

Abordámos em artigo intitulado “Ideias da Arquitetura Portuguesa em viagem” o ano seminal de 1976 e o período precedente². Importa reter deste artigo que a arquitetura Portuguesa esteve presente ao longo dos anos em eventos internacionais, mas de uma forma pontual e ocasional. A título de exemplo na década de 50, foi organizada uma exposição pelo sindicato Nacional dos Arquitetos intitulada “Portuguese Contemporary Architecture” que percorreu cidades de Inglaterra e dos Estados Unidos, mostrando aproximadamente vinte e cinco obras de outros tantos arquitetos Portugueses. Destaca-se também entre meados da década de 50 e de 60 a publicação de projetos de Eduardo Anahory em revistas internacionais, com alguma regularidade na revista Francesa *L’Architecture d’Aujourd’Hui* (*L’Ojd*) e na Italiana *Domus*, entre outras com um carácter mais pontual, na Alemanha, Inglaterra, Suíça, Brasil e EUA (Borges, 2010). No entanto, foi no ano de 1976, em que ocorreu pela primeira vez a simultaneidade de divulgação da arquitetura Portuguesa em quatro países, Espanha, Itália França e Alemanha, marcando o início da mudança para uma divulgação mais frequente e consistente ao longo dos anos. É de salientar a iniciativa de Nuno Portas que em muito contribuiu para a divulgação da arquitetura Portuguesa

² Publicado na edição online da revista Joelho, número 3, Coimbra, 2012, acessível em <http://iduc.uc.pt/index.php/joelho/article/view/415>.

neste período, estabelecendo contactos internacionais e consequente participação em eventos e publicações no estrangeiro. É através de Portas que Vittorio Gregotti conhece Siza e a sua arquitetura³, tornando-se num dos seus principais divulgadores. É também de salientar que a publicação do memorável número monográfico sobre arquitetura Portuguesa, o número 185 da L'Ojd de 1976, lembrado por muitos estrangeiros como o seu primeiro contato com a arquitetura Portuguesa, contou com a inestimável colaboração de Hestnes Ferreira que conhecia Bernard Huet, o diretor da revista da altura.

Noutro artigo, intitulado “Divulgação Internacional da Arquitetura Portuguesa, 1977 – 1983”⁴ abordámos o período imediatamente posterior a 1976. Deste artigo importa reter que é graças à atividade daquelas pessoas atrás referidas entre outras como Pierluigi Nicolin, Oriol Bohigas, às quais se juntam novos divulgadores nacionais e estrangeiros, os quais designámos de ‘segunda geração’, que a arquitetura Portuguesa vai chegando a cada vez mais e mais distantes geografias. Vão se associar ao longo dos anos àquele conjunto de países mencionado atrás, constituído por Espanha, Itália França e Alemanha, que designámos como ‘núcleo duro’, por ser o principal e mais permanente difusor da Arquitectura Portuguesa, outros países da Europa, Ásia e Américas. Depois de 1976, é a atividade de pessoas como Markku Komonen na Finlândia, Brigitte Fleck na França e na Alemanha, Laurent Beaudouin na França, Dorien Boasson na Holanda e na Bélgica, Toshiaki Tange e Toshio Nakamura no Japão, aos quais se juntaram os Portugueses Carlos Castanheira na Holanda e José Paulo dos Santos em Inglaterra, que vai aumentando o número de eventos com a participação da arquitetura Portuguesa, alargando a rede de contatos e consequentemente a geografia internacional do conhecimento da arquitetura Portuguesa.

Concentrando-nos no período em foco neste artigo, os anos 80 são caracterizados por novos sinais de consolidação da divulgação internacional da arquitetura Portuguesa. Em termos quantitativos, foi alcançado pela primeira vez no ano de 1984 o número das três dezenas, o qual se manterá sensivelmente nos anos seguintes.

³ Entrevista a Nuno Portas a 13/12/2011.

⁴ Conferência proferida no II Encontro Internacional HetSci (grupo constituído pelo Instituto de História Contemporânea, Universidade Nova de Lisboa e Centro de Estudos de História e Filosofia da Ciência, Universidade de Évora), sob o tema Internacionalização da Ciência e Internacionalismo Científico, Universidade de Évora, no dia 22 Fevereiro, 2013 (aguarda publicação).

Acresce a esta multiplicidade de eventos o surgimento de alguns com características novas, bem como o aumento do número de arquitetos Portugueses divulgados, e ainda o aumento de edições periódicas da especialidade que publicam com uma frequência mais ou menos regular arquitetura Portuguesa.

Relativamente às características novas dos eventos, e apesar de já se terem realizado alguns eventos monográficos sobre arquitetura Portuguesa, foi no ano de 1984 que teve lugar a primeira secção monográfica sobre arquitetura Portuguesa contemporânea, (não centrada no tema SAAL), da exclusiva responsabilidade de um autor estrangeiro, Daniele Vitale, no número 655 da revista Italiana Domus. Neste número são apresentadas obras de vários arquitetos do Norte a Sul de Portugal, nomeadamente: Charters Monteiro, Gonçalo Byrne, Duarte Cabral de Mello, Carrilho da Graça; Siza Vieira, Souto de Moura e Alcino Soutinho. Outra publicação de 1984 que atesta a diferença relativamente ao tipo de eventos ocorridos no estrangeiro mencionando a arquitetura Portuguesa foi a edição da primeira monografia de caráter teórico sobre o trabalho do Português, Siza. Esta monografia resultou da tese de mestrado defendida por Peter Testa no MIT em 1984, intitulada *The Architecture of Álvaro Siza*, a qual foi editada logo naquele ano no número 4 da série *Thresholds* (revista científica anual do MIT) nos Estados Unidos da América.⁵

Relativamente às edições periódicas, juntaram-se nos anos 80 às revistas Italiana Lotus International, a Francesa AMC e a Japonesa a+u, que tinham publicado arquitetura Portuguesa, a acabada de referir Italiana Domus, a também Italiana Casabella, as Espanholas A&V, Obradoiro e Quaderns e a Francesa L'Ojd, com uma direção renovada.

A atribuição de quatro prémios internacionais a Siza, no ano de 1998, significa em nosso entender, um marco na multiplicação e diversificação das características de eventos internacionais em que a arquitetura Portuguesa foi referida, pelo que este ano define o fim da baliza temporal do período em análise neste artigo. Estes quatro prémios foram os primeiros internacionais que Siza recebeu, sendo de quatro origens geográficas diversas: de Espanha, a Medalha de Ouro de Arquitectura do Conselho

⁵ Em 1987 foi publicado o primeiro capítulo da tese no *Journal of Architecture Education* nos Estados Unidos da América (Testa, 1987). Em 1988 a tese foi reeditada pela Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto, numa edição bilingue, em Português e Inglês (Testa, 1988).

Superior dos Colégios de Arquitectos, da Comunidade Europeia, o prémio Mies van der Rohe, da Finlândia, a medalha Alvar Aalto, e dos Estados Unidos da América, o Prémio Prince of Wales da Harvard University, (este prémio foi atribuído no ano de 2013, a outro arquiteto Português, Souto de Moura). Estes prémios antecederam em quatro anos a atribuição do Pritzker, um prémio que se caracteriza por se constituir como a consagração de carreira, (o restrito Pritzker foi atribuído em 2011, a outro arquiteto Português Souto de Moura).

Como dizíamos, outra razão para elegermos este período dos anos 80 do século XX para analisar neste artigo, prende-se com o fato de ter sido nestes anos que começou a ser divulgada outra vertente da arquitetura Portuguesa que integrou a corrente internacional ‘estilista pós-moderna’, juntando-se assim à divulgação que vinha ocorrendo de outra vertente da arquitetura Portuguesa, que veio a integrar a corrente internacional designada como ‘regionalista crítica’.

De maneira assumidamente simplificada, mas conseguindo assim a instrumentalização daqueles conceitos como meio de facilitar a demonstração do argumento proposto no início do artigo, avançamos de seguida uma aproximação ao que entendemos por arquitetura ‘estilista pós-moderna’ e ‘regionalista crítica’. A definição de arquitetura ‘estilista pós-moderna’ que usamos neste artigo identifica-se com a formulação veiculada por Charles Jencks, o autor que em 1977 cunhou pela primeira vez a arquitetura Pós-Moderna, no livro *The Language of Post-Modern Architecture*, e que teve a oportunidade de ir desenvolvendo e atualizando ao longo das várias edições do livro e das suas intervenções, como nos números da revista Inglesa *Architectural Design (AD)* que coordenou a convite Andreas Papadakis, o seu diretor. O momento da exposição na Bienal de Veneza, intitulada *A Presença do Passado*, realizada em 1980, (na qual Jencks foi convidado a participar na organização) é também importante pelo conjunto de arquitetos convidados e pelo que significou para a reflexão daquela corrente. A definição de arquitetura ‘regionalista crítica’ que usamos neste artigo identifica-se com as posições defendidas por Vittorio Gregotti, (cujo percurso teórico tinha já passado pela proximidade à corrente Italiana *Tendenza* dos anos 60), como diretor da revista Italiana *Casabella*, entre os anos de 1982 e 1996, e na formulação do teorizador principal do ‘regionalismo crítico’ Kenneth Frampton, entãopositor central ao pós-modernismo de Jencks, e que significativamente recusou

o convite para participar na organização da referida Bienal de Veneza de 1980, aliás, à semelhança de Gregotti.

A divulgação das vertentes ‘regionalista crítica’ e ‘estilista pós-moderna’

Passamos então a analisar a divulgação internacional da vertente da arquitetura Portuguesa que integrou a corrente internacional ‘estilista pós-moderna’.

Identificámos o primeiro evento, em 1981, com a publicação da obra de Hestnes Ferreira, no número 531 da revista Inglesa *Building Design* (Markham, 1981), entendendo neste caso a filiação da obra de Hestnes na obra de Khan como ‘estilista pós-moderna’. Em 1984, tal volta a acontecer precisamente no acima referido número 655 da revista Italiana *Domus*, onde foi publicado o projeto de habitação social para Setúbal de José Charters Monteiro, que inclui um projeto de autoria de Aldo Rossi designado como “bacalhau” (Vitale, 1984: 6ss). No ano seguinte, em 1985, a *Domus* publicou no seu número 661 o trabalho de Tomás Taveira (Nicolin, 1985). É em grande parte devido à publicação do trabalho de Taveira que a vertente ‘estilista pós-moderna’ da arquitetura Portuguesa é divulgada internacionalmente. Ainda em 1985 este foi publicado na revista Norte Americana *Progressive Architecture*; em 1987 na revista Francesa *Architecture méditerranéenne*, na revista Inglesa *Art & design - Special issue. The Post-Modern object*, e foi-lhe dedicado um número monográfico da revista Japonesa *a+u*; em 1988 foi publicado um artigo na revista Inglesa *Architects’ Journal*, e integrou em França a exposição *Habitée 88.6*

Aconteceram outras exposições que tiveram como objeto a vertente ‘estilista pós-moderna’ da arquitetura Portuguesa. Em 1986, foi exposto em Espanha o trabalho de nove jovens arquitetos Portugueses com obra em Trás-os-Montes, designadamente Carlos Baptista, Graça Campolargo, Ricardo Santelmo, Albino Costa Teixeira, Manuel Graça Dias, Júlio Teles Grilo, António Belém Lima, Carlos Santelmo Jr. e Egas José Vieira, sob o título “*Arquitectura Nueva en Trás-os-Montes / Arquitectura Nova em Trás-os Montes*”. Apesar da recusa de Graça Dias em admitir uma uniformidade de linguagem⁷, constatamos que as obras são exemplo de uma linguagem ‘estilista pós-moderna’. O trabalho de Graça Dias integrou outras exposições como em 1985, em

⁶ Tal é mencionado num cv fornecido por Tomás Taveira.

⁷ Entrevista a Manuel Graça Dias a 7/5/2013, Lisboa.

Espanha, a Feira de Arte Contemporânea ARCO' 85, em representação da galeria Cómicos de Luís Serpa, intitulada "Hiper Modernistas com os 'baixos ondulantes'. Hiper Modernists with undulating ground-levels", na qual os seus projetos para Chaves serviram de base aos trabalhos expostos; em 1986, em Espanha, a exposição "Quatro arquitectos Portugueses", que contou também com desenhos de Luiz Cunha, Troufa Real e Tomás Taveira;⁸ em 1988, em França, na galeria Arc en Rêve a exposição "Trois morceaux. Três bocados", constituída por maquetas (três à escala real) e desenhos referentes a três edifícios seus. Importa salientar que estas exposições que acabámos de referir foram de iniciativa Portuguesa, concretamente de Luís Serpa, com excepção da "Arquitectura Nova em Trás-os-Montes". No entanto esta exposição também partilhou com as outras a origem na exposição que Serpa promoveu em 1983, em Lisboa, intitulada "Depois do Modernismo", pois António Cerveira Pinto, diretor na época do Kiosco Alfonso onde decorreu a exposição, tinha participado na exposição em Lisboa como artista plástico, tendo contactado com os arquitectos cujos trabalhos foram expostos ao lado das outras obras de arte.⁹ É de assinalar outra exposição de iniciativa Portuguesa, mais concretamente do Ministério dos Negócios Estrangeiros e da Secretaria de Estado da Cultura intitulada "Tendências da Arquitectura Portuguesa" na qual foram exibidas obras de cinco arquitetos Portugueses: Siza, Hestnes, Luiz Cunha, Manuel Vicente e Taveira (Duarte, 1987).¹⁰ Esta exposição teve uma longa itinerância pelo estrangeiro: com início, em Barcelona, em 1986, seguindo-se Rio de Janeiro, São Paulo e Buenos Aires em 1987, Lisboa, 1989, Estrasburgo, Macau e Bombaim em 1990, Nova Deli, Pequim em 1991 e Tóquio em 1992.¹¹ Segundo Graça Dias (comissário adjunto nesta exposição), Carlos Duarte, o comissário principal, teve como objectivo mostrar a pluralidade da arquitetura Portuguesa, através do trabalho de vários arquitetos Portugueses da mesma geração, e não repetir mais uma exposição só focada em Siza ou na chamada Escola do Porto.¹² De facto, num artigo publicado na revista Brasileira Projeto de 1987, no âmbito da passagem da exposição por aquele país, é referido que pouco se conhece no Brasil da arquitetura Portuguesa, para além

⁸ Ibidem. Não conseguimos aceder ao catálogo.

⁹ Entrevista a Manuel Graça Dias a 7/5/2013, Lisboa.

¹⁰ O catálogo desta exposição teve várias versões para melhor se adaptar aos sítios onde era exibida: Espanhol, Português do Brasil, Francês, Inglês, Chinês e por último o Japonês.

¹¹ Entrevista a Manuel Graça Dias a 7/5/2013, Lisboa.

¹² Ibidem.

de algumas obras de Siza. Esta afirmação é reveladora do progresso da divulgação internacional da vertente ‘regionalista crítica’ da arquitetura Portuguesa, mais especificamente do trabalho de Siza. Pois, se como acima mencionámos o Tempo em arquitetura não é abordado de forma linear, no entanto, a cronologia dos eventos é sequencial, e a divulgação da vertente ‘regionalista crítica’ da arquitetura Portuguesa teve primazia em termos de divulgação internacional desde 1976.

Como argumentado, o Espaço internacional onde a arquitetura Portuguesa é divulgada não é determinante quanto à sua vertente a difundir. Passamos à verificação desta afirmação, analisando a divulgação da vertente ‘regionalista crítica’ nos países acima referidos onde foi divulgada a vertente ‘estilista pós-moderna’ da arquitetura Portuguesa, nomeadamente: EUA, Inglaterra, Itália, Japão e Espanha.

A chamada crise do Movimento Moderno abriu internacionalmente uma profunda discussão emergindo por vezes várias contra-correntes num mesmo país. Por exemplo, em Inglaterra e nos EUA, palcos privilegiados da arquitetura ‘estilista pós-moderna’, foram divulgadas ambas as vertentes da arquitetura Portuguesa, a vertente ‘estilista pós-moderna’ como referimos acima, e a vertente ‘regionalista crítica’ que culminou na atribuição do referido prémio da Universidade de Harvard a Siza em 1988.

Apresentamos como exemplo paradigmático a publicação de Siza na revista inglesa AD, (um dos meios privilegiados de discussão da arquitetura ‘estilista pós-moderna’), num episódio que envolveu os dois protagonistas acima referidos cujos trabalhos apontámos para identificar ambos os conceitos usados por nós, Frampton e Jencks. O número 7/8 da AD de 1982 teve como editor convidado Frampton, como contraponto a dois números anteriores da revista daquele ano focados na arquitetura ‘estilista pós-moderna’, tendo um destes números sido coordenado por Jencks. Frampton tinha lançado em 1980 o livro *Modern Architecture: A Critical History*, tendo ao longo dos anos e das suas sucessivas edições, bem como dos artigos que foi escrevendo, feito revisões, aproximando-se da teoria que designou como ‘Regionalismo Crítico’. Neste artigo do número 7/8 da AD intitulado “The isms of contemporary architecture” (Frampton, 1982), Frampton acrescentou o termo ‘Regionalismo’ incluindo na sua exemplificação trabalhos de Siza. Este é um exemplo de que o trabalho de Siza serviu à construção de uma das correntes mais destacadas do discurso internacional da arquitetura.

É ainda de referir a realização de duas exposições monográficas nos EUA sobre Siza: uma em 1986 no MIT intitulada Álvaro Siza: Buildings and Projects organizada por Peter Testa, e outra em 1988 na Universidade de Harvard intitulada Alvaro Siza. Figures and Configurations. Buildings and Projects 1986-1988, organizada por Wilfried Wang com a colaboração de José Paulo dos Santos (Wang e Santos, 1988), onde então Siza foi convidado a dar aulas. Neste ano e nesta Universidade Americana seria também realizada outra exposição sobre arquitetos Europeus emergentes, em cuja selecção os trabalhos de Souto Moura e de José Paulo dos Santos foram integrados, igualmente por Wang (Wang, 1988). Às referidas exposições, podemos ainda acrescentar outra, de natureza mais académica, realizada por Frampton na Universidade de Columbia, em 1988.¹³

Por exemplo, em Itália, (onde coexistiram uma variedade de posturas ideológicas, bastante politizadas), como acima referido encontrámos registos de divulgação da vertente ‘estilista pós-moderna’ da arquitetura Portuguesa, mas por outro lado a referida revista Italiana Casabella de Gregotti teve um grande apreço na divulgação da vertente Portuguesa “regionalista crítica”, maioritariamente o trabalho de Siza, tendo também publicado Adalberto Dias, Souto de Moura e Portas. É igualmente de sublinhar que na revista Italiana Domus foram também publicados trabalhos de Siza, Távora, José Paulo dos Santos e Souto Moura, revista na qual tinha sido publicado Taveira. Acresce ainda as revistas Italianas Lotus International, com uma clara predominância da publicação do trabalho de Siza e uma referência a Gonçalo Byrne e a Alcino Soutinho, e Quaderni di Lotus, tendo o número 6 desta última se constituído como um número monográfico dedicado a Siza (1986).

Em França, (um país que participou desta discussão internacional), ocorreram alguns eventos já referidos nos quais foi mencionada a vertente ‘estilista pós-moderna’ da arquitetura Portuguesa, tendo sido dedicado igualmente grande espaço à sua vertente ‘regionalista crítica’. Tal aconteceu por exemplo, nas revistas L’Architecture d’Aujourd’hui, na qual a publicação de Siza predominou tendo sido também feito referência a Souto de Moura, e na AMC, através de Siza, Escola do Porto, Soutinho e Teotónio Pereira, na participação na exposição da Bienal de Paris de 1985 com os

¹³ Depoimento de Peter Testa por mensagem electrónica a 17/8/2013.

projetos de Siza, Souto de Moura e Carrilho da Graça, e na exposição e em conferências em Clermont-Ferrand em 1987 (publicação em 1990), no qual a designada Escola do Porto constituiu tema único.

No Japão a revista *a+u* que havia publicado um número monográfico sobre Taveira, publicou dois monográficos sobre Siza, aos quais acrescem outros dois onde é feita referência ao seu trabalho.

Em Espanha, que acolheu várias exposições da vertente ‘estilista pós-moderna’ da arquitetura Portuguesa, foi publicado em várias iniciativas editoriais o trabalho de outros arquitetos Portugueses, como por exemplo em revistas institucionais como a *Obradoiro* (do Colégio Oficial dos Arquitectos da Galiza), a *Quaderns* (do Colégio Oficial de Arquitectos da Catalunha), a *Arquitectura* (do Colégio Oficial de Arquitectos de Madrid) e em revistas de iniciativa privada como as de Luís Fernández – Galiano, a *A&V* e a *Arquitectura Viva*. De entre estas revistas Espanholas destaca-se pela variedade de arquitetos Portugueses publicados a *Obradoiro*. Enquanto que as revistas de Fernández - Galliano são dominadas pelo trabalho de Siza, à semelhança da *Arquitectura*, que também publicou uma referência à Escola do Porto, e da *Quaderns* que também publicou trabalhos de Jorge Gigante e Francisco Melo, Souto de Moura e João Álvaro Rocha, a *Obradoiro* que publicou arquitetura Portuguesa em todos os seus números desde o número 8 de 1983 ao número 14 de 1988, fê-lo através de trabalhos de Siza, Souto de Moura, Manuel Teles, Soutinho, Domingos Tavares, Adalberto Dias, Correia Fernandes, Virgínio Moutinho, José M. Carvalho, José Manuel Soares, António Corte-Real.

Como exposto, estamos perante o período em que a divulgação da arquitetura Portuguesa atingiu uma certa maturação, favorecida pelo incremento da mobilidade dos interessados, que inicialmente se circunscrevia a um perímetro mais próximo de Portugal, o qual se estendeu, já não devido apenas à mobilidade das pessoas, mas sobretudo à mobilidade das próprias ideias. Ideias estas cujos rastros se tornam mais difíceis de seguir e cuja abrangência geográfica é mais expedita e mais alargada (o que em certa medida é designado por globalização). Por outro lado, a ‘mobilidade’ quanto à divulgação dos diferentes arquitetos também se prende com a dificuldade de compartimentação em categorias do seu trabalho, o que na maioria das vezes não é

consensual, sendo que também os próprios pensadores das correntes mudam ou fazem evoluir os seus postulados.

Por outro lado, também o Espaço onde a arquitetura é produzida não é determinante. Portugal é o país sobre o qual se aponta a sua alegada posição periférica, para justificar uma arquitetura particular e resistente à globalização, corporizada no trabalho dos arquitetos como Fernando Távora, Alcino Soutinho, Gonçalo Byrne, Adalberto Dias, tendo em Siza o seu expoente máximo. Mas é também um país onde foram construídas obras da vertente ‘estilista pós-moderna’, que se podem entender como consequência do capitalismo tardio, com representação no trabalho de Taveira, Luiz Cunha, Graça Dias, entre outros. Poderia alegar-se a distinção entre as condições económicas do Porto e de Lisboa, mas este argumento não resiste à existência de obras pós-modernas em Trás-os-Montes, como vimos na exposição que referimos. Em certo sentido, também se poderia depreender que a determinação do lugar não constituiu um fatalismo único da arquitetura construída em Portugal, mas antes um destino que alguns arquitetos Portugueses procuraram. Como argumentado, fica então claro que a divulgação das duas vertentes não respeita fronteiras geográficas e estas vertentes não são determinadas pelo Espaço.

Acrescentamos ainda que ambas as vertentes manipulam o Tempo, pois (e por oposição ao Movimento Moderno que cria numa noção linear de evolução que o progresso tecnológico favorecia), revalorizam Tempos passados para valorizar a sua arquitetura: os Tempos da Arquitetura Clássica no caso da arquitetura ‘estilista pós-moderna’, que encontra aí fontes de inspiração mais ou menos diretas para a sua formalização, e a permanência de uma temporalidade anterior que constrói os lugares aos quais as novas obras se devem tectonicamente adaptar e definir de acordo com a vertente do ‘regionalismo crítico’.

A profissão arquiteto e a divulgação internacional da arquitetura

Para se perceber melhor o contexto nacional da atividade dos arquitetos que granjeou divulgação e notoriedade a nível internacional, importa retratar em traços largos o quadro sociológico dos arquitetos em Portugal nas décadas de 70 e 80 do século XX.

Este retrato é feito através do número de arquitetos, da organização do ensino da arquitetura e da organização profissional, acompanhando os pontos propostos pelos autores junto dos quais recolhemos a informação. Relativamente ao número de arquitetos inscritos na Associação de Arquitetos Portugueses / Ordem dos Arquitetos, de acordo com as informações de Sandra Pinto Gomes veiculadas no Relatório Profissão: Arquitecto/a, de Manuel Villaverde Cabral (coordenação) e Vera Borges, no ano de 1975 o número de arquitetos inscritos era de 740 e em 1988 era de 3.648 (apud Cabral e Borges, 2006: 22). Relativamente ao ensino, segundo a mesma autora é de salientar que só em 1979 foram criadas as Faculdades de Arquitetura de Lisboa e Porto, tendo-se efetivamente concretizado a autonomização das Belas Artes só nos anos de 1984-85 (apud Cabral e Borges, 2006: 21). Tal constituiu o culminar de um processo de afastamento da tradição francesa Beaux Arts de ensino, para o qual a reforma de ensino de 1957 tinha contribuído com uma tentativa de aproximação às áreas técnicas e científicas (apud Cabral e Borges, 2006: 21). O surgimento do ensino privado de arquitetura em Portugal ocorre, em 1986 / 87, com o curso de Arquitetura na Escola Superior Artística do Porto (ESAP), tendo no ano seguinte, 1988 / 89, surgido a Universidade Lusíada com vários pólos (apud Cabral e Borges, 2006: 21). O terceiro curso público de arquitetura ocorreu no mesmo ano de 1988 / 89, em Coimbra, integrado na Faculdade de Ciências e Tecnologia daquela Universidade (apud Cabral e Borges, 2006: 21). Por último relativamente às estruturas de organização profissional, e ainda segundo a mesma autora, só em 1978 ocorre a passagem de Sindicato Nacional dos Arquitetos, uma associação voluntária, para a Associação dos Arquitetos Portugueses, mas a qual só em 1988 é reconhecida como Associação de Direito Público, com capacidade para a credenciação dos arquitetos para o exercício da profissão, e respetiva obrigatoriedade de inscrição, entre outras funções (apud Cabral e Borges, 2006: 21). Maria João Neto acrescenta que se tratou de equiparar a Associação dos Arquitetos a outras associações congêneres nacionais e estrangeiras, na sequência de uma diretiva da então CEE (Neto, 2010: 40). A formalização desta estrutura como Ordem ocorre já no final da década de 90, em 1998.

Daqui se conclui que o enquadramento sócio - profissional dos arquitetos em Portugal era, nas décadas de 70 e 80 do século XX, muito incipiente, com um baixo número de profissionais, um ensino recentemente autonomizado e uma associação

profissional também recentemente formalizada com a ajuda de impulsos externos. Tal não é comparável à situação sócio - profissional de outras profissões em Portugal, como os advogados, médicos e engenheiros. É de referir a diferença de número de engenheiros e arquitetos inscritos nos anos próximo da instituição da Ordem dos Engenheiros, em 1937 estavam inscritos 1081 engenheiros, enquanto que se estima terem existido 60 arquitetos em 1938 (Neto, 2010: 31). Aquelas associações profissionais puderam desde logo optar pela designação de Ordem, nomeadamente os engenheiros em 1936, enquanto que a associação dos arquitetos lutou por muitos anos pelo mesmo estatuto (Neto, 2010).

Mais que comparar a estrutura de organização profissional dos arquitetos com outras profissões em Portugal, é sobretudo esclarecedor compará-la com a organização dos arquitetos no estrangeiro, para perceber melhor as circunstâncias em que foi feita a divulgação internacional da arquitetura Portuguesa. Apresentamos como caso paradigmático, a divulgação internacional da arquitetura Finlandesa no final da década de 50 e 60.

Apesar da inscrição na Associação dos Architectos Finlandeses (SAFA) ser ainda hoje voluntária e contar com 3100 inscritos que se estima ser aproximadamente 80% do universo dos arquitetos Finlandeses (SAFA, 2013), segundo Petra Čeferin foi a estreita colaboração entre esta Associação e o Museu de Arquitetura Finlandesa nos primeiros anos de funcionamento do Museu, que empreenderam a divulgação internacional da arquitetura Finlandesa entre o final da década de 50 e 60 do século XX (Čeferin, 2003). Čeferin considera que o Museu de Arquitetura Finlandesa, um dos mais antigos do mundo dedicados exclusivamente à arquitetura, foi o autor do produto “arquitetura Finlandesa” a divulgar (Čeferin, 2003: 33). Este Museu evoluiu a partir do arquivo de imagens da SAFA fundado em 1949, criado com o objectivo de recolher material para publicação na revista da Associação, a *Arkkitehti*, e de responder aos pedidos internacionais de publicação (Čeferin, 2003: 33). A partir da criação do Museu em 1956 foi possível a obtenção de financiamento do Estado Finlandês para o funcionamento do arquivo, o qual fomentou e financiou, sobretudo a realização de exposições no estrangeiro sobre arquitetura Finlandesa, pois o Estado entendeu também ser do seu próprio interesse (Čeferin, 2003: 33). O Museu aproveitando-se desta oportunidade apresentava as exposições junto dos responsáveis políticos como uma forma de

promoção económica do País (Čeferin, 2003: 45 ss). Para a realização de exposições eram criados júris, (com elementos da SAFA e mais tarde do Museu), que selecionavam os edifícios e o respetivo material a ser exibido, a partir do arquivo que detinha em 1956 aproximadamente 8000 fotografias (Čeferin, 2003: 38). Estas fotografias tinham sido anteriormente selecionadas por elementos do Museu ou da SAFA, inclusivamente nos casos em que eram doadas por arquitetos ou fotógrafos, de forma a que o material que integrasse o arquivo fosse de elevada qualidade (Čeferin, 2003: 38). Apesar da variedade de júris a selecção do material a exhibir não variava significativamente (Čeferin, 2003: 61), e o desenho das exposições era pensado em concordância com as ideias que se pretendia transmitir com as fotografias selecionadas (Čeferin, 2003: 85 ss), sendo o projeto da exposição submetido à aprovação do Museu, e cuidadosamente levado a cabo em cada local em que a exposição tomava lugar (Čeferin, 2003: 40). Por fim, o momento de inauguração das exposições era cuidadosamente preparado: pelo Museu, de forma a conseguir a maior publicidade possível, sendo as exposições apresentadas em conferências de imprensa e entregue material informativo aos jornalistas, recorrendo também por vezes a relações pessoais para garantir uma boa difusão (Čeferin, 2003: 43 ss); e pelo Estado, que fazia daquelas ocasiões momentos de diplomacia política e económica, convidando os responsáveis políticos de cada País a estarem presentes, exibindo documentários sobre a Finlândia, bem como promovendo encontros com representantes da indústria e do comércio Finlandeses com os do País anfitrião, e fazendo publicidade no catálogo das exposições de empresas de ambos os Países (Čeferin, 2003: 49 ss).

Podemos então afirmar que a instituição Museu da Arquitectura Finlandesa em estreita colaboração com a SAFA, e com o significativo apoio do Estado, organizaram entre 1957 e 1967 várias exposições desde Londres a Nova Deli, (passando por exemplo por Zurique, Viena, Belgrado, Paris, Barcelona, Lisboa, Moscovo, Tunes, Buenos Aires, Cidade do México, Rio de Janeiro, Caracas, Lima, Santiago do Chile, Tóquio, entre outras cidades) (Čeferin, 2003: 57 ss), onde tudo era controlado pelas duas primeiras instituições, desde o conteúdo, a forma de apresentação e inclusivamente também tentavam controlar os media.

Argumentamos que a forma como foi feita a divulgação da arquitetura Finlandesa no final dos anos 50 e 60, não podia ser mais distinta da divulgação da arquitetura Portuguesa. A maior diferença entre ambas reside no facto da primeira ter tido instituições, e inclusivamente contado com o apoio do Estado, que planearam a melhor maneira de divulgar internacionalmente a arquitetura, e executaram consistentemente durante onze anos. Ora, a divulgação da arquitetura Portuguesa, como aqui foi esboçado, não partiu de um qualquer conjunto de pessoas que dispusesse do arquivo de muitos dos arquitetos Portugueses a partir do qual seleccionasse qual o material a exibir e onde. Pela análise dos testemunhos que recolhemos, não foi dada grande importância ao impacto mediático que se pudesse eventualmente fomentar aquando da realização de exposições no estrangeiro, cujo efeito de facto não encontramos nos registos. A divulgação da arquitetura Portuguesa resultou de iniciativas individuais e avulsas de diferentes intervenientes, na maioria das vezes sem nenhuma estratégia prévia, muito pouco apoiada institucional ou financeiramente e talvez por isso pouco consistente no tempo, devendo-se a sua continuidade à capacidade de atração de novos divulgadores nacionais e estrangeiros.

De facto, por exemplo, Portas desenvolveu uma estratégia de divulgação da arquitetura Portuguesa baseada na ‘politique des auteurs’¹⁴ que o governo Francês seguia na época para a divulgação do ‘cinema de autor’; Wilfried Wang tinha uma agenda própria de divulgação da arquitetura de outros países que não os do centro, para abrir a discussão a alternativas que não as protagonizadas pelos países do centro em torno dos discursos ‘modernistas’ e ‘pós-modernistas’¹⁵, patente na revista que fundou em Inglaterra, a 9H, e no seu percurso posterior nos EUA, enquanto membro da escola de Harvard; e Carlos Duarte pretendeu mostrar a pluralidade da arquitetura Portuguesa, na referida exposição Tendências da Arquitectura Portuguesa, a qual teve efetivamente uma itinerância que se destaca pela sua longevidade, cuja explicação reside em nosso entender no apoio estatal de que gozou. No entanto, o conjunto destas e outras estratégias individuais não chegam para definir um plano estratégico comum para a divulgação internacional da arquitetura Portuguesa. Podemos incluso

¹⁴ Entrevista a Nuno Portas a 13/12/2011. A origem da expressão é consensualmente atribuída ao cineasta Francês François Truffaut.

¹⁵ Entrevista a Wilfried Wang a 19/11/2012.

afirmar que neste aspecto não há grande diferença entre a divulgação antes de 76 e pós 76, ambas assentam na circunstância quase aleatória dos contactos individuais que foram sendo estabelecidos na sequência do desenvolvimento da atividade de cada protagonista. Anahory, por exemplo, viveu largas temporadas no estrangeiro, tendo sido correspondente da revista Francesa L'Ojd e era conhecida a sua amizade com Gio Ponti, o fundador da revista Domus (Borges, 2010: 58). A publicação do referido seminal número 185 da L'Ojd de 1976, o qual deu a conhecer a arquitectura Portuguesa a pessoas como os referidos Komonen¹⁶, Fleck¹⁷ e Frampton¹⁸, deveu-se em grande parte à amizade entre Huet e Hestnes, a qual remonta ao tempo em que estudaram juntos com Khan no EUA no início dos anos 60, onde Hestnes também conheceu Marc Émery, o outro diretor da L'Ojd no período em foco¹⁹. A publicação da arquitetura Portuguesa na revista Francesa AMC sob a direção de Jacques Lucan decorre da proximidade deste com Huet, tinha sido seu aluno e colaborador na L'Ojd, e quando Huet deixou a revista e Lucan ocupou a direção na AMC, este quis dar seguimento àquilo que intitula como 'descoberta' da arquitetura Portuguesa pelo referido número da L'Ojd²⁰. Vitale, o responsável pela referida secção monográfica sobre arquitetura Portuguesa no número 655 da Domus de 1984, entrou em contato com a arquitetura Portuguesa porque na turma onde estudava com Aldo Rossi, na Faculdade de Arquitetura do Politécnico de Milão, havia dois estudantes Portugueses com quem desenvolveu uma relação de amizade, José Charters Monteiro e José da Nóbrega Sousa Martins (Vitale, 2008: 104). A referida tese que Testa desenvolveu sobre Siza teve na origem uma visita que fez a Portugal e onde descobriu o trabalho de Siza, País aliás onde nasceu o que lhe possibilitou ter como língua materna o Português²¹. A referida extensa publicação de arquitetura Portuguesa na revista Espanhola Obradoiro deve-se à continuada presença de Xan Casabella López na direção da revista, que tinha estudado arquitetura no Porto nos anos de 1975 e 1976, e onde conhecera Fernando Távora, Alexandre Alves Costa, Soutinho e Siza entre outros, e foi colega de nomeadamente Souto de Moura, Adalberto Dias, Gigante,

¹⁶ Entrevista a Markku Komonen a 1/11/2012.

¹⁷ Entrevista a Brigitte Fleck a 4/10/2012.

¹⁸ Entrevista a Kenneth Frampton a 23/10/2009.

¹⁹ Entrevista a Hestnes Ferreira a 1/6/2012.

²⁰ Entrevista a Jacques Lucan a 18/4/2012.

²¹ Entrevista a Peter Testa a 7/8/2013.

tendo trabalhado no atelier de Domingos Tavares²². Acresce ainda ter casado com uma Portuguesa, o que o fazia viajar muitas vezes a Portugal²³. Taveira por exemplo, sem ser muito específico, fala em relações pessoais em geral como a razão da divulgação internacional da sua arquitetura²⁴. Estes são alguns exemplos dos encontros casuais entre os divulgadores e a arquitetura Portuguesa, muitas vezes sedimentados em relações pessoais. Por último queremos sublinhar que, por comparação com a associação SAFA Finlandesa, para os arquitetos se organizarem em torno de um objetivo comum não é necessário aguardar a imposição legislativa.

Por fim, sem querermos enveredar pela análise da arquitetura como um “campo de produção cultural” no sentido que Pierre Bourdieu lhe atribuiu, cuja aplicação tem vindo a ser estudada há anos por autores como Hélène Lipstadt, que reconhecem a dificuldade da sua generalização à arquitetura, tendo concretizado a aplicação do conceito ao domínio dos concursos de arquitectura, reconhecemos pela descrição feita acima, que é de facto necessário um ‘pensamento relacional’ em permanente construção, para analisarmos a divulgação internacional da arquitetura Portuguesa. Perseguindo este objetivo, parece-nos ser adequado o estudo da intermediação mediático - cultural, com especial atenção para o papel dos intermediários culturais, abordado por autores como Cláudia Madeira, Laura Bovone entre muitos outros. No entanto, e dado a divulgação internacional da arquitetura Portuguesa estar tão fragmentada e dispersa por variados protagonistas oriundos de meios culturais diferentes, parece-nos ser um trabalho que exige um grande fôlego, o qual deixamos como hipótese de trabalho futura.

Bibliografia

Borges, António Brás Borges (2010), Eduardo Anahory percurso de um designer de arquitectura, dissertação para a obtenção do grau de mestre em Arquitectura. Lisboa: Instituto Superior Técnico.

Bovone, Cláudia (1997), “Os Novos Intermediários Culturais. Considerações sobre a cultura pós-moderna”, in Carlos Fortuna (org.), Cidade, Cultura e Globalização. Oeiras: Celta, 105 – 120.

²² Entrevista a Xan Casabella López a 3/4/2013.

²³ Ibidem.

²⁴ Entrevista a Tomás Taveira a 14/12/2011.

Cabral, Manuel Villaverde (coord.) Borges, Vera (2006), Relatório Profissão: arquitecto/a. Lisboa: estudo promovido pela Ordem dos Arquitectos.

Čeferin, Petra (2003), *Constructing a Legend, The international Exhibitions of Finnish Architecture 1957 – 1967*. Helsinki: SKS.

Dias, Manuel Graça (1985), *Hiper Modernistas com os ‘baixos ondulantes’ Hiper Modernists with undulating ground-levels*. Lisboa: Cómicos – Espaço Inter – Média.

Dias, Manuel Graça (1988), *3 Morceaux. 3 bocados*. Lisboa.

Duarte, Carlos S. (1987), *Tendências da Arquitectura Portuguesa. Obras de Álvaro Siza, Hestnes Ferreira, Luiz Cunha, Manuel Vicente, Tomás Taveira*. Lisboa.

Frampton, Kenneth (1981), *Historia critica de la arquitectura moderna*. Barcelona: Gustavo Gili & Hudson [edição castelhana; orig. 1980].

Frampton, Kenneth (1982), “The isms of contemporary architecture”, *Architectural Design, AD Profile* 42, 52(7/8), 60-82.

Jencks, Charles (1977), *The Language of Post-Modern Architecture*. London: Academy Editions.

Lipstadt, Hélène (2003), “Can ‘art Professions’ Be Bourdieuean Fields of Cultural Production?: The Case of the Architecture Competition”, *Cultural Studies*, 17: 3-4, 390-419.

Lipstadt, Hélène (2010), “Experimenting with The Experimental Tradition, 1989-2009: On Competitions and Architecture Research”, in Magnus Rönn et al. (org.), *The Architectural Competition: Research Inquiries and Experiences*. Stockholm: Axlbooks.

Madeira, Cláudia (2002), *Novos Notáveis: os programadores culturais*. IV Congresso Português de Sociologias, consultado a 6/2009 em http://www.aps.pt/cms/docs_prv/docs/DPR462df75d1d543_1.PDF.

Markham, Geoff, (1981), “School on the hill - a recent scheme in Lisbon reaches academic heights”, *Building Design*, 531, 20 - 21.

MIT Committee on the Visual Arts (org.), (1986), *Álvaro Siza: Buildings and Projects*. Cambridge: Albert and Vera List Visual Arts Center MIT.

Morton, David (1985), “P – M in Portugal”, *Progressive Architecture*, 66 (12), 62-71.

Neto, Maria João de Mendonça e Costa Pereira, (2010), “Processo de profissionalização da arquitectura em Portugal – da Real Associação dos Architectos Civis e Arqueólogos à Ordem dos Architectos”, *Revista Lusófona de Arquitectura e Educação*, 4, 20 – 41.

Nicolin, Pierluigi (1985), “Primavera Portoghese, Tomás Taveira”, *Domus*, 661.

SAFA (2013), “SAFA in English. The Association”. Página consultada a 29.1.2014 em <http://www.safa.fi/eng/>.

Testa, Peter (1984), *Thresholds Workin Paper 4, The architecture of Álvaro Siza*. Cambridge: Massachusetts Institute of Technology.

Testa, Peter (1987), “Tradition and Actuality in the António Carlos Siza House”, *Journal of Architecture Education*, 40 (4), 24-30.

Testa, Peter (1988), *A arquitectura de Álvaro Siza / The architecture of Álvaro Siza*. Porto: Edições da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto.

Vitale, Daniele (1984), “10 anni dopo..., costruire in Portogallo”, *Domus*, 655, 2 – 31.

Vitale, Daniele (2008), “Encontros e desencontros entre Itália e Portugal”, *Unidade*, 7, 100-108.

Wang, Wilfried; Santos, José Paulo (1988), *Alvaro Siza. Figures and Configurations. Buildings and Projects 1986-1988*. Nova Yorque: Rizzoli e Harvard University Graduate School of Design.

Wang, Wilfried, (1988), *Emerging European Architects*. Nova Yorque: Rizzoli e Harvard University Graduate School of Design.

(1990), *Architectures à Porto*. Liège: Mardaga.

(1985), *Vu de l'intérieur ou La raison de L'Architecture: Biennale de Paris. Architecture 1985*. Mardaga.

(1986), *Arquitectura Nueva en Trás-os-Montes / Arquitectura Nova em Trás-os Montes*.

La Coruña: Palácio Municipal de Exposiciones Kiosco Alfonso.

(1986), *Álvaro Siza, Professione poética / Poetic Profession, Quaderni di Lotus / Lotus Documents*, 6. Milão: Electa / The Architectural Press.

(1987), “‘Amoreiras’: modernisme et post-modernite a Lisbonne”, *Architecture mediterraneenne*, 30, 205 – 216.

(1987), "The Post-Modern object", Art & design - Special issue. 3 (3/2).

(1987), "Recent Works of Tomás Taveira", a+u architecture and urbanism, 196.

(1987), "Exposição, Tendências da arquitectura portuguesa, em cinco leituras", Projeto, 98, 95.

(1988), "Bankable Taveira; Architects: Tomas Taveira and Raquel Coutinho", Architects' Journal, 34 / 35.

Números dos seguintes periódicos internacionais no período 1984 - 1988:

Casabella.

Domu.

Lotus International.

Quaderni di Lotus.

L'Architecture d'Aujourd'Hui.

AMC.

a+u.

Obradoiro.

Quaderns.

Arquitectura.

A&V.

Arquitectura Viva.